



"Pesquisa como ensino é desenvolver a capacidade de escolha de questões, a habilidade de transformar questões em processo de investigação, em articular as dúvidas com a possibilidade de formulação de respostas (a construção da autonomia humana). O aluno pesquisador se depara com o conhecimento sem a tradicional ingenuidade que cerca aqueles que apenas memorizam informações: ele também é autor e, de alguma maneira, percebe-se como um parceiro de outros pesquisadores e autores que povoam seus livros. O aluno-pesquisador não é um autor de conhecimento científico, mas produtor de um saber específico. O significativo é que a pesquisa redefine a relação do aluno com o conhecimento e com o processo de sua produção. Estamos, portanto, referindo-nos às competências e habilidades relacionadas com os procedimentos que constroem o saber."

autêntica
www.autenticaeditora.com.br
0800 2831322

INSTITUTO
cultiva
fundação para a gestão participativa

EDUCAÇÃO
PARA A
CIDADANIA

02

OP Criança

autêntica

fundação
cultiva

Pesquisa como ensino

Textos de apoio. Propostas de trabalho.

Cláudia Sapag Ricci



Seguir os programas curriculares já previamente definidos ou construir temas de estudo no interior de cada sala de aula? Determinar, a priori, todos os passos e etapas do conhecimento a ser trabalhado com os alunos ou abrir espaço para que os sujeitos participem dos processos de escolha que podem permear a relação com o conhecimento no interior da escola? Essas são questões norteadoras deste livro de Cláudia Sapag Ricci. Aqui ela defende a idéia de que a pesquisa é o eixo organizador do currículo. Para isso, trata do desafio que é despertar o desejo e a necessidade de saber mais sobre um assunto e discorre sobre a importância de se problematizar e saber lidar com os diversos tipos de fontes. A autora apresenta sugestões para o trabalho com música, cinema e imagem em sala de aula, além de contemplar outras questões de caráter mais metodológico.

A pesquisa redimensiona a aprendizagem e deve constituir-se como o processo compartilhado entre alunos e professor. Assim pensa a autora que não atribui apenas ao último o papel de fazer perguntas. Afinal, a pesquisa, além de trazer respostas, suscita dúvidas e provoca novos olhares. Ao apresentar textos de apoio e propostas de trabalho a

Pesquisa como ensino

**Textos de apoio
Propostas de trabalho**

Cláudia Sapag Ricci

02

OP Criança

Pesquisa como ensino

Textos de apoio
Propostas de trabalho

Cláudia Sapag Ricci

autêntica

cultiva
Formação para a gestão participativa

COPYRIGHT © 2007 BY OS AUTORES

REVISÃO

Vera Lúcia de Simoni Castro

PROJETO GRÁFICO ECAPA

Sobre imagem de Weliton Slima (www.sxc.hu)

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Conrado Esteves

Todos os direitos reservados pela Autêntica Editora.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida,
seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia
xerográfica sem a autorização prévia da editora.

AUTÊNTICA EDITORA

BELO HORIZONTE

Rua Aimorés, 981, 8º andar . Funcionários

30140-071 . Belo Horizonte . MG

Tel: (55 31) 3222 68 19

TELEVENDAS: 0800 283 13 22

www.autenticaeditora.com.br

e-mail: autentica@autenticaeditora.com.br

SÃO PAULO

Tel.: 55 (11) 6784 5710

e-mail: autentica-sp1@autenticaeditora.com.br

INSTITUTO CULTIVA

Diretor geral: Rudá Ricci

Diretora executiva: Rosana Bitterman

Rua Capelinha, 393 . Serra

30220-300 . Belo Horizonte . MG

Tel: 55 (31) 3324 1711 . Fax: 55 (31) 3324 1712

www.cultiva.org.br | contato@cultiva.org.br

Ricci, Cláudia Sapag

R491p Pesquisa como ensino. Textos de apoio. Propostas de trabalho /
Cláudia Sapag Ricci . — Belo Horizonte : Autêntica , 2007.

72 p. —(Orçamento Participativo Crianças, 2)

ISBN 978-85-7526-278-8

1.Educação. 2.Formação de professores. 3.Pesquisa escolar.

I.Título.II.Série.

CDU 37
371.13

Ficha catalográfica elaborada por Rinaldo de Moura Faria – CRB6-1006

Sumário

Apresentação	7
Um certo olhar sobre a pesquisa	9
A escolha do tema: o desafio da problematização	15
Levantamento de idéias e planejamento de pesquisa	19
A busca e o tratamento das fontes	21
Livros	22
Ficha-resumo	25
Fontes orais	26
Folha de pesquisa	28
Imagens: fotografias e obras de arte	29
Roteiro para observação de imagem	30
Roteiro para legenda de imagem	30
Música	31
Sugestões para o trabalho com música em sala de aula	32
Filmes/vídeo	33
Sugestões para depois da projeção do filme	34
Roteiro para análise do filme <i>Gajjin, os caminhos da liberdade</i>	36

Objetos - monumentos	37
O Museu do Belo	41
Ficha de catalogação do objeto	41
Projeto Educação Patrimonial	42
Ficha de identificação do objeto	43
Roteiro para análise de objeto	44
Pesquisas de campo ou estudos do meio	45
Roteiros para pesquisa em instituições 2º ciclo	46
Roteiro Pesquisa Instituição Conhecendo Instituições	48
Roteiro Pesquisa Múltiplos Olhares	50
Questões para um roteiro de observação	52
Roteiro para identificação e análise de edifícios/monumentos históricos	53
A socialização e a sistematização de informações: a importância do trabalho coletivo e a possibilidade de contraposição de diferentes versões	55
Quadro Pesquisa Estados	56
Quadro Sistematização Pesquisa Imigrantes	57
Roteiro Debate sobre os diferentes tipos de moradias	58
A socialização e a sistematização	60
Postura investigativa e registro	61
Roteiro para a elaboração de um trabalho escrito	63
Referências	65

Apresentação

A complexidade do real abre para o pesquisador um campo muito vasto de possibilidades de investigação. Isso porque entendemos que os papéis sociais são improvisados e ultrapassam uma suposta racionalidade que muitas vezes o investigador atribui ao processo histórico. O pesquisador, pensando assim a história, se depara com o desconhecido e o inesperado; por isso o instrumental com que vai trabalhar ajuda-o muito mais a perguntar do que a responder.

(MARIA DO PILAR DE ARAÚJO VIEIRA ET AL)

Este texto é fruto de reflexões que venho desenvolvendo ao longo de minha trajetória como professora. A preocupação com a articulação entre ensino e pesquisa esteve sempre presente seja nas aulas para alunos de 1º ao 8º ano do ensino fundamental¹, seja nos cursos de graduação de Pedagogia e História na FaE/UFMG ou História na PUC/Minas. Tem sido também um eixo central em cursos, oficinas e atividades de formação continuada desenvolvidos com professores da rede pública ou particular.

Assim, muitas das idéias aqui apresentadas já foram divulgadas em artigos e documentos em que tive participação e

¹ A autora é professora do Centro Pedagógico da UFMG e ministrou aulas em escolas da rede pública de São Paulo e escolas particulares de Minas Gerais. É também co-autora da Coleção didática História no dia-a-dia (Editora Formato/Editora Saraiva), que abrange as quatro séries iniciais do ensino fundamental.

autoria, especialmente o documento "O ensino de história no primeiro ciclo do ensino fundamental – Parâmetros para o trabalho do professor na organização em ciclo", produzido para a Secretaria de Educação em Minas Gerais, em janeiro de 1999, em parceria com as professoras Lorene dos Santos e Regina Helena Alves da Silva e o verbete *Pesquisa Escolar*, publicado no Dicionário do Professor – Currículo, SIAPE – CPP/SEEMG, em 2001, em co-autoria com Rafaela Patente.

A intenção desse material é, com base em pressupostos teóricos e determinada concepção sobre o processo educacional, apresentar possibilidades de roteiros e instrumentos de pesquisa escolar. Procuo, portanto, partilhar de minha experiência e reflexão como professora com meus colegas de profissão. Portanto, este texto apresenta um olhar de professora sobre a prática de pesquisa, ou seja, um olhar sobre a pesquisa como ensino.

Um certo olhar sobre a pesquisa

Gérard-B. Martin. *Au fil des événements, 6 de dezembro de 1994. Jornal da Universidade Laval*¹

Que alegria, diz a Eternidade,
ver o filho de minha esperança
apaixonar-se pela pesquisa,
pois em sua mente
coloquei inúmeros de meus sonhos
e gostaria tanto que se tornassem realidade.

A pesquisa,
começou a explicar a Eternidade,
é, antes de qualquer coisa, o gesto do jovem camponês
que se vai,
revolvendo a pedra dos campos,
descobrimo lesmas e gafanhotos,
ou milhares de formigas atarefadas.

A pesquisa,
é a caminhada pelos bosques e pântanos
para tentar explicar,
vendo folhas e flores,
por que a vida apresenta tantos rostos.

A pesquisa,
é a fusão, em um só crisol,
de observações, teorias e hipóteses
para ver se cristalizar
algumas parcelas de verdade.

¹ Citado em LAVILLE, 1999. p. 278/279.

A pesquisa,
é, ao mesmo tempo, trabalho e reflexão
para que os homens
achem todos um pouco de pão
e mais liberdade.

Também é o olhar para o passado
para encontrar nos antigos
alguns grãos de sabedoria
capazes de germinar
no coração dos homens de amanhã.

A pesquisa
é o tatear em um labirinto,
e aquele que não conheceu a embriaguez de procurar seu rumo
não sabe reconhecer o verdadeiro caminho.

A pesquisa
é a surpresa, a cada descoberta,
de se ver recuar as fronteiras do desconhecido;
como a natureza, cheia de mistérios,
procurasse fugir de seu descobridor.

A pesquisa,
diz finalmente a Eternidade,
é o trabalho do jardineiro
que quer se tornar,
no jardim de minha criação,
o parceiro de minhas esperanças.

Afinal de contas, o que significa fazer pesquisa? Quando buscamos um número de telefone no catálogo telefônico, estamos fazendo uma pesquisa. Quando olhamos os preços de determinado objeto em uma loja e comparamos com o de outra, estamos fazendo uma pesquisa. O que essas atividades têm em comum com uma pesquisa escolar e o que dela diferem?

Antes de apresentar uma definição, é preciso lembrar que propor uma pesquisa na escola não é nenhuma grande novidade. Ao contrário, é uma proposta de trabalho muitas vezes feita por professores a seus alunos. Geralmente o professor define um tema, os alunos localizam o assunto em livros e enciclopédias,

copiam trechos – dependendo da disponibilidade, hoje em dia, imprimem diretamente da Internet – entregam ao professor, que a devolve após leitura. Na verdade, pesquisa aqui se reduz a cópia ou transcrição, atividade esvaziada de sentido ou significados para os alunos e os professores. Aliás, a palavra pesquisa significa “busca com investigação, seguindo os vestígios, indagando”², o que já se contrapõe à mera transposição de informações.

Recentemente, no bojo das discussões e reflexões por que passa a educação – com novas leis, diretrizes, parâmetros curriculares, propostas pedagógicas, projetos interdisciplinares, estudos que buscam compreender o processo ensino aprendizagem – a pesquisa reveste-se de outro significado. Apresenta-se muito mais como **outra postura ante o conhecimento** – investigativa, curiosa, questionadora, problematizadora. Um caminho possível para descobertas, estabelecimento de relações e construção de conhecimentos. Com efeito, grande parte das reformas educacionais iniciadas nas últimas décadas do século XX sugere a ênfase da atenção do professor no processo de desenvolvimento dos seus alunos, no processo de aquisição e desenvolvimento de competências e habilidades (com destaque para os conteúdos procedimentais).

A pesquisa – central no processo educacional – está presente tanto na prática docente (o professor-pesquisador que pesquisa continuamente o processo de aprendizagem e desenvolvimento) como para os alunos (no seu processo de descoberta e produção de conhecimentos).

Dessa forma, a pesquisa – um procedimento fundamental a ser vivenciado por alunos e professores – ultrapassa os limites de uma mera estratégia pontual e se traduz numa postura investigativa. Nessa perspectiva processual, cada atividade se reveste de significados. Por exemplo, a atividade de identificar e selecionar um tema instiga, numa perspectiva

² Ver CUNHA, 1997.

processual, a sua transformação em um problema, pois buscar dados ou informações com o simples propósito de confirmação ou comprovação é algo frustrante. Se acreditamos que a construção de conhecimentos ocorre a partir de dúvidas, do não saber, para um tema virar objeto de pesquisa, então, o tema de pesquisa estará, necessariamente, vinculado em alguma medida ao universo do pesquisador. Em outras palavras, torna-se necessário levantar os conhecimentos prévios dos alunos, suscitar idéias e dúvidas a respeito do tema em questão. A partir daí, é preciso discutir sobre as possibilidades e maneiras para encontrar as respostas e sanar as dúvidas; pensar sobre quais fontes poderão ser mais propícias; combinar momentos para troca de informações, prazos, cronogramas e definir o que fazer com as informações e as descobertas.

Eleger a pesquisa como eixo organizador das atividades de ensino exige como pressupostos:

- a compreensão de currículo como um caminho construído cotidianamente a partir de intenções educativas previamente estabelecidas pelo coletivo de professores;
- a organização dos conteúdos escolares, para além de uma perspectiva disciplinar, em conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais que, muitas vezes, caminha para estudos e concepções curriculares interdisciplinares;
- a percepção de temáticas como instrumentos para a formação e não como objetivos finais do trabalho pedagógico;
- a concepção que busca romper com a dicotomia entre ensino e pesquisa e da definição de lugares exclusivos para a produção e a reprodução do conhecimento (como centros de pesquisa ou centros universitários);
- a compreensão de que a construção de conhecimentos se dá no estabelecimento de múltiplas relações com a realidade, na busca e contraposição de fontes, as mais diversificadas, na produção de sínteses e registros para expressar o que se compreendeu e os questionamentos em torno dos conhecimentos trabalhados – se diferenciando da simples apropriação de informações já sistematizadas e organizadas.

Enfim, a compreensão de conhecimento como uma **construção social** demanda uma busca constante para desmistificá-lo conquanto um saber acabado e cristalizado. Conhecimento como localização do sujeito no mundo (“ter noção” ou “reconhecimento”, tal como se divulgou a partir do século XIV) sugere uma busca de significados a começar por uma dúvida humana. A produção de conhecimentos, portanto, é uma qualidade da natureza humana. Daí porque todos agrupamentos sociais produzirem mitos, músicas e uma gama de conhecimentos a cada instante de sua história. Recentemente, teorias sobre o conhecimento relativizaram a supremacia do conhecimento científico sobre outras formas de produção de conhecimento humano, procurando superar a lógica positivista ou racionalista do início da era industrial.

Professores e alunos devem se posicionar, constantemente, de forma questionadora perante as fontes de pesquisa. Muitas vezes, o resultado de uma pesquisa pode estar vinculado à escolha equivocada ou exclusiva de uma fonte. Não basta, portanto, conhecer o conhecimento produzido. Torna-se premente questionar esse conhecimento, abrindo novas frentes de investigação, dando voz a outros sujeitos, buscando construir outro conhecimento, valendo-se das perguntas elaboradas pelas próprias pessoas envolvidas.

Como afirma Ruth Rocha, pesquisar como ensino não é um mero exercício de fixação:

A pesquisa escolar é uma maneira inteligente de estudar e aprender. Não é, simplesmente, um trabalho que você faz para entregar ao professor. [...] É um jogo de perguntar e responder. A pesquisa é como um jogo no qual formulamos perguntas e nós mesmos temos que dar as respostas. É como se brincássemos de detetives sozinhos.

Pesquisa como ensino é desenvolver a capacidade de escolha de questões, a habilidade de transformar questões em processo de investigação, em articular as dúvidas com a possibilidade de formulação de respostas (a construção da autonomia

humana). O aluno pesquisador se depara com o conhecimento sem a tradicional ingenuidade que cerca aqueles que apenas memorizam informações: ele também é autor e, de alguma maneira, percebe-se como um parceiro de outros pesquisadores e autores que povoam seus livros.

O aluno-pesquisador não é um autor de conhecimento científico, mas produtor de um saber específico. O significativo é que a pesquisa redefine a relação do aluno com o conhecimento e com o processo de sua produção. Estamos, portanto, referindo-nos às competências e habilidades relacionadas com os procedimentos que constroem o saber.

A escolha do tema: o desafio da problematização

Seguir os programas curriculares já previamente definidos ou a construção de temas de estudo no interior de cada sala de aula? Determinar, *a priori*, todos os passos e etapas do conhecimento a ser trabalhado com os alunos, ou abrir espaço para que os sujeitos participem dos processos de escolha que podem permear a relação com o conhecimento no interior da escola?

Muitas vezes, o desejo de envolver os alunos na definição dos temas de estudo tem levado a posturas espontaneístas, na expectativa de trabalhar apenas o que “os alunos querem estudar”. Nos últimos anos, diversos professores passaram a acreditar que só estariam construindo uma relação mais democrática em sala de aula se partissem da pergunta “o que vocês querem estudar?”. O resultado disso, muitas vezes, tem sido a frustração com a repetição insistente de algumas temáticas ou a rápida perda de interesse em torno de um assunto assim definido. Pior ainda, pode emergir um tema com pouca relação com as intenções educativas que o professor estabeleceu tomando-se por base os diagnósticos e as avaliações que ele realizou com suas turmas.

Não se quer dizer, com isso, que o professor deve abandonar a perspectiva de averiguar aqueles temas que são de interesse de seus alunos, ou abdicar da postura de permanente negociação. O processo de definição de temas, no entanto, é muito mais complexo e deve envolver desde uma

leitura cuidadosa da realidade sociocultural dos sujeitos envolvidos a uma clareza das intenções educativas. A escolha do tema, para o professor, deve ter questões iniciais a ser respondidas por ele (antes mesmo da definição do tema), procurando preencher lacunas no processo de aprendizagem de seus alunos: que conceitos quero desenvolver com meus alunos? Quais competências e habilidades permearão a pesquisa?

O tema de estudo pode, dessa forma, ser percebido pelo professor através de conversas e atividades desenvolvidas com os alunos ou pode simplesmente ser deliberadamente proposto pelo professor. Na verdade, o aluno é capaz de se interessar pelos mais diferentes assuntos, desde que possa estabelecer relações significativas com aquilo que conhece e vivencia. Enfim, o tema de pesquisa pode surgir do interesse coletivo dos alunos, mas nunca deixará de prescindir da intenção educativa do professor. Assim, a pesquisa não é mera atividade complementar, mas um **eixo organizador do currículo**, o que significa definir processos de desenvolvimento, indicadores de aprendizagem, instrumentos de avaliação, redefinição do plano de pesquisa, consolidação de resultados.

Despertar, em torno de um assunto, o desejo e a necessidade de saber mais é o desafio maior nesse momento. Para isso, o trabalho do professor é fundamental, já que, como coordenador dos trabalhos de uma turma, ele deve propor, constantemente, atividades que apontem para a sistematização dos conhecimentos já apropriados e organizados (*o que já sabemos sobre tal tema*) e que são de fundamental importância para a definição de novas questões e problemáticas (*o que queremos conhecer/pesquisar/descobrir*).

Deve-se ter claro que a definição de um problema a ser pesquisado não se restringe à definição de um tema. O momento de problematização do tema, que consiste em

elaborar questões diversas em relação a tal assunto, apresenta-se como uma das tarefas fundamentais para o sucesso da atividade de pesquisa. Não existe pesquisa sem perguntas; para que uma aprendizagem seja significativa, é fundamental que as pessoas se interroguem, queiram saber mais sobre um problema. A construção de perguntas é um processo de aprendizagem árduo, que exige trabalho cuidadoso do professor.

É importante lembrar que a definição de questões e problemas a ser pesquisados, assim como qualquer um dos momentos aqui apresentados, não está restrita a uma etapa bem demarcada do processo (no início do processo e em nenhum outro momento, por exemplo). Por mais que esteja sendo apresentada como uma das primeiras providências no desenvolvimento de um projeto de estudos, a definição de novas questões e problemas pode – e deve – ser retomada por diversas vezes, visto que o processo de pesquisa é dinâmico, e o contato com algumas fontes de informação quase sempre provoca o surgimento de novas dúvidas, redimensionando, permanentemente, a aprendizagem.

Todo esse processo implica uma mudança na própria concepção do papel do professor, refletindo-se no estabelecimento de novas relações professor-aluno. Se antes o professor era praticamente o único responsável pela elaboração das perguntas, cabendo aos alunos respondê-las corretamente, agora esse processo passa a ser compartilhado por professores e alunos. Participar do levantamento de questões, da elaboração de perguntas já envolve um processo de construção de conhecimento. Se queremos formar sujeitos que participam ativamente de seu processo de aprendizagem, torna-se fundamental que aprendam a identificar e formular suas dúvidas, pois só assim a busca de respostas pode se tornar significativa.

Assim, é possível sugerir um primeiro esquema do processo de escolha do tema de pesquisa:

ESQUEMA 1: A ESCOLHA DO TEMA

Definir as intenções pedagógicas que o professor quer trabalhar com a pesquisa, delimitando o *corpus* temático;

Levantar questões sobre um tema, relacionando-as com os conhecimentos prévios dos alunos;

Desenvolver nos alunos a sua capacidade de problematizar a realidade, identificando temas e problemas;

Desenvolver capacidade de formulação de perguntas;

Desenvolver capacidade de argumentação;

Exercitar postura de negociação em torno dos interesses de cada um ou cada grupo.

Levantamento de idéias e planejamento de pesquisa

Quando se formula as perguntas, quase sempre já se possui algumas idéias acerca do tema. É importante, no entanto, que se explicitem tais idéias e que se tome cuidado para que o processo de pesquisa não seja mera tentativa de confirmação dessas. O que está em jogo aqui é uma mudança de postura em relação à produção de conhecimentos e o grande desafio é fazer com que os alunos, ao partir em busca das fontes, assumam, de fato, uma postura investigativa.

Os conhecimentos prévios são muito importantes no processo de investigação, mas não se podem transformar em “camisa de força” e há que se exercitar a sua permanente revisão. Aprender a rever seus pontos de vista, estar aberto para a mudança de posição é um aprendizado fundamental no desenvolvimento do espírito investigativo. Tudo isso precisa estar bem conversado, e o espaço da sala de aula é fundamental para que essas questões sejam explicitadas. As dificuldades dos alunos em abandonar idéias iniciais devem ser bem elaboradas, para que não redundem em simples frustração.

Outro exercício fundamental de ser desenvolvido coletivamente é o levantamento das fontes e métodos de pesquisa. Onde poderíamos pesquisar esse tema? Que material pode nos ajudar? Que pessoas podem responder a essas perguntas? Tais questões podem – e devem – ser discutidas com os alunos. Cabe ao professor avaliar de forma criteriosa quais fontes e métodos de pesquisa estarão à disposição ou serão acessíveis aos alunos, procurando diversificá-los o máximo possível.

Assim, por exemplo, se as questões dizem respeito a um acontecimento da atualidade, os alunos têm como pesquisar em jornais e revistas, realizar entrevistas com pessoas para saber o que sabem ou pensam sobre o assunto ou ainda buscar livros e enciclopédias que, embora não tratem diretamente do tema, ajudem a compreender as relações de tal assunto com outras problemáticas vivenciadas em outras épocas/outros espaços.

Quase todos os temas podem ser pesquisados em diferentes fontes, mas é importante começarem a perceber que algumas fontes são mais adequadas ou potencializam a exploração de determinadas temáticas. Ao explicitar, junto com os alunos, os tipos de fonte e os métodos (se será uma pesquisa bibliográfica, depoimento oral ou pesquisa de campo, por exemplo), o professor democratiza a relação com o conhecimento, oportunizando aos alunos maior clareza dos lugares onde buscará tais fontes, os instrumentos que precisa para realizar a pesquisa. Esse trabalho de rastrear fontes deixa de ser exclusividade do professor e pode ser exercitado por todos.

ESQUEMA 2: PLANEJAMENTO DE PESQUISA

Aprender a apresentar suas idéias e opiniões e estar aberto à sua revisão;

Procurar formas de resolver as questões levantadas;

Identificar a diversidade de fontes com as quais se pode contar (fontes escritas, orais, iconográficas, etc.).

Organizar o tempo para a execução da pesquisa através de um cronograma elaborado coletivamente.

A busca e o tratamento das fontes

Deve-se procurar sempre diversificar o uso das fontes. Além das fontes escritas (livros, jornais, revistas), existem as fontes orais (depoimentos), fontes iconográficas (desenhos, propagandas, fotografias, histórias em quadrinhos, cartuns, rótulos, etc.) e fontes que permitem desenvolver o estudo da cultura material (objetos de uso pessoal ou coletivo). Além dessas, contamos ainda com as letras de músicas, filmes, vídeos, curtas e muitas outras formas de linguagem que se apresentam como expressão própria de determinados momentos históricos, mas que também podem dinamizar o acesso às temáticas.

No trabalho com as diferentes fontes, é importante a percepção de que elas não falam por si próprias, mas que devem ser interrogadas. Assim, por exemplo, no caso de um documento como a certidão de nascimento, o professor deve chamar a atenção para os tipos de informação que ela traz: época (tempo) e local (espaço) do nascimento; antecedentes (pais, avós); dados sobre o registro (cartório, nº do livro, folha), testemunhas, etc. Pode-se observar ainda se existem diferenças nas certidões quanto ao tipo de informação apresentada.

É papel do professor não só inserir nas atividades o manejo com as fontes, mas também desenvolver com os alunos habilidades para extrair das fontes as informações sobre o tema de estudo. Para isso, é muito importante que os alunos aprendam que cada tipo de fonte exige um tratamento

diferenciado, tanto em termos dos procedimentos de pesquisa quanto em termos das análises que podem ser desenvolvidas. Vejamos, a seguir, alguns exemplos de fontes que podem ser utilizadas e dos cuidados com o tratamento dessas fontes.

Livros

Entre os livros mais usuais encontrados no meio escolar, estão os livros didáticos. A forma de utilização desse material, por parte dos professores, é muito diversificada: alguns não conseguem imaginar o seu trabalho sem ele; outros o rejeitam veementemente; outros tantos defendem posturas intermediárias, que vão desde utilizações pontuais de outro material (paradidáticos, filmes, jornais e revistas, etc.), tendo ainda um didático como principal referência, até posturas mais ecléticas, que prezam a utilização de fontes e material diversificado, sem privilégio para qualquer material específico.

Sem dúvida alguma, a diversificação de material deve ser uma estratégia fundamental ao longo de todo o processo de escolarização, desde os primeiros anos. Tais possibilidades, no entanto, esbarram, muitas vezes, nas precárias condições, já que faltam recursos para a compra de material. Ainda assim, o professor deve ser um coletor de material, estar atento às publicações recentes, tanto as didáticas e paradidáticas quanto os periódicos, que podem ser utilizados em sala de aula.¹

Nessa perspectiva do trabalho com uma variedade bastante grande de material, o livro didático pode ser também uma fonte para consulta, questionamentos, contraposições. Um importante exercício de crítica e análise pode ser desenvolvido com os alunos a tomar tal atitude – encarar o livro didático

¹ Vale lembrar que muitas escolas têm em seu acervo periódicos, tais como *Ciência Hoje das Crianças* da SBPC, *Revista Nova Escola* e suplementos ou encartes de jornais, como *Gurilândia* (O Estado de Minas) ou *Folhinha e Folha Teen* (Folha de S. Paulo).

como um dos inúmeros veículos de informações e incentivá-los a pesquisar em outros tipos de livro.

É importante apresentar aos alunos a possibilidade de consulta à biblioteca, seja da escola, seja uma biblioteca pública, da cidade, ou particular. Criar situações em que a vivência nesse espaço possibilite a aprendizagem e a percepção de suas potencialidades. Será por meio dessa vivência que o aluno poderá compreender as formas de organização do acervo, conhecer maneiras de preservação e cuidado com os livros e até mesmo se interessar em compor sua própria biblioteca. Dicas sobre como realizar a pesquisa – que o acervo pode estar organizado, em fichários ou informatizado, em ordem alfabética do nome do autor ou do título, ou mesmo saber que existem as chamadas *obras de referência* (dicionários, enciclopédias, atlas, etc.) que, via de regra, não estão disponíveis para empréstimos, apenas para consultas na própria biblioteca – ajudam que esse universo seja paulatinamente desvendado.

Além das formas de organização de acervo, é necessário que os alunos conheçam, para que possam usufruir cada vez melhor, as regras de funcionamento da biblioteca em que fará sua pesquisa, as normas para empréstimo ou consulta de livros. De maneira geral, os alunos dos primeiros anos escolares associam a biblioteca apenas como um espaço de leitura ou empréstimos de livros de literatura. Percebê-la como um espaço para pesquisas é resultado de um processo que demanda a vivência nesse lugar, a construção de competências e a intervenção do professor orientando o trabalho e problematizando a relação que o aluno estabelece com as informações pesquisadas. A lista a seguir, elaborada por especialistas da Ciência da Informação², indica pistas para que esse acompanhamento seja feito:

² AMERICAN ASSOCIATION OF SCHOOL LIBRARIANS. *Information Power: building partnership for learnig*, 1998. Cap. 2. *Information literacy standards for student learning*. p. 8-30. (tradução de Rafaela Patente)

SABE ACESSAR A INFORMAÇÃO QUANDO:

- Entende que informação é a base para decisões;
- Formula questões com base nas suas necessidades de informação;
- Identifica uma variedade de fontes de informação;
- Desenvolve e utiliza estratégias para localizar informação.

É CAPAZ DE AVALIAR A INFORMAÇÃO QUANDO:

- Determina se a informação é relevante;
- Distingue a diferença entre fatos, pontos de vista e opiniões;
- Sabe determinar se a informação é incorreta ou tendenciosa;
- É capaz de selecionar informação adequada para resolver um problema.

SABE USAR A INFORMAÇÃO DE FORMA CORRETA E CRIATIVA QUANDO:

- Sabe organizar informação para uso prático;
- É capaz de integrar novas informações ao seu conhecimento;
- Utiliza informação para pensar criticamente e resolver problemas;
- Sabe produzir e comunicar idéias e informação de maneira apropriada.

O roteiro a seguir pode auxiliar na pesquisa bibliográfica, para que o aluno consiga identificar as idéias e informações apresentadas pelo autor e se posicionar diante delas:

FICHA-RESUMO

1 - Dados da pesquisa

Instituição: _____

Endereço/telefone: _____

Contato: _____ Horário de funcionamento: _____

Comentários: _____

Data: __/__/__ Início: _____ Término: _____ Carga horária: _____

2 - Dados do material

Título: _____

Autoria: _____

Cidade: _____ Editora: _____ Ano: _____ Páginas: _____

Instituição: _____

Título artigo/capítulo: _____

Autoria: _____

Resumo: _____

Observações: _____

Fontes orais

Ultimamente tem sido comum a proposta de pesquisas com pais, avós, funcionários da escola. No entanto, na maioria das vezes, tal trabalho é desenvolvido informalmente, desconsiderando-se procedimentos fundamentais no trabalho com fontes orais. Um primeiro ponto a ser lembrado: é importante entendê-las como documentos, ou seja, são produções que podem nos oferecer subsídios à compreensão do passado e do que esse passado se tornou no presente. Afinal é com os olhos do presente que vemos o passado. É preciso lembrar também que as fontes orais são fruto de um diálogo, em que o objeto é recuperado por intermédio da memória; é uma interação – ação entre os envolvidos no processo da entrevista. Assim sendo é um documento produzido, fruto de um diálogo. Não é o passado, nem a lembrança exclusiva do depoente. É uma troca de saberes. Constitui-se em uma possibilidade efetiva de produção de um vasto campo documental já que oportuniza o registro por meio da fala e da lembrança.

Existem várias formas de entrevista. Na **história de vida**, por exemplo, o objetivo é acompanhar a trajetória do entrevistado. A **entrevista temática**, no entanto, tem como foco determinados temas, em que a preocupação básica são opiniões, pontos de vista, análises do entrevistado. Em ambos os casos, é importante ter sempre um roteiro para realizar a entrevista. A maneira de se formular uma pergunta pode influir decisivamente na resposta, já que perguntas dão lugar a reflexões, permitindo e, em certa medida, impulsionando o entrevistado a tecer sua rede de relações e experiências do vivido. Isso pode desencadear emoções e sentimentos que devem ser tratados com cuidado.

É preciso redescobrir o sentido próprio da entrevista, em que não só se recolhe a história, mas se vive a memória e se cria um acontecimento que também faz história. O processo de rememorar implica o *lembrar* e o *imaginar*. Apenas traços da experiência serão resgatados; ela nunca será representada tal como ocorreu no passado. O tempo da memória é o tempo da experiência de um período de vida, de atividade profissional,

política, religiosa, cultural, afetiva... que nos arrebatava e condiciona quase que inteiramente, fazendo-nos perceber e reconstruir a realidade de determinada maneira. Nesse processo, o tempo cronológico inexistente.

O documento produzido torna-se, então, uma apropriação individual do imaginário coletivo, uma reelaboração do vivido. E, como reelaboração, passa não só pelo crivo das críticas feitas aos acontecimentos pela sociedade, mesclando memória individual e oficial, como também por um repensar a própria ação, por uma reconsideração de suas atitudes, valendo-se de um ponto de vista diferenciado no tempo. É um equívoco metodológico trabalhar um depoimento depois de transcrito como se fosse da mesma natureza que a fonte escrita.

É importante que os alunos exercitem, cada vez com mais habilidade, o hábito de escutar e aprender mediante fontes orais. Por um lado, valorizando tal fonte, tanto quanto outro documento; por outro, preocupando-se com alguns cuidados no registro das informações coletadas. O roteiro para a entrevista é fundamental e deve ser elaborado junto com os alunos. Para pesquisar, é preciso ter perguntas, ter clareza em relação ao que se quer saber. No entanto, um roteiro para entrevista não pode ser confundido com um questionário: *“No caso de um roteiro de entrevista, as perguntas devem ser objetivas o suficiente para que o depoente as compreenda de imediato. Mas devem, também, ser abertas a ponto de permitir que o entrevistado fale à vontade, interprete o tema da pergunta segundo o seu próprio ponto de vista.”*³

Além das “respostas”, é importante que o aluno anote algumas informações em relação ao entrevistado (nome, idade, profissão, grau de parentesco, etc.), à situação ou ao momento da entrevista (local, horário, se houve interrupções, gestos, expressões ou sinais de que o entrevistado estava à vontade ou não para responder, etc.) e comentários sobre como foi fazer a entrevista ou sobre alguma resposta do entrevistado,

³ Trabalhando com fontes históricas. Módulo Exemplar de História. Livro do Professor. Belo Horizonte, SEE – Minas Gerais, 1998. (mimeo)

em especial. Se for o caso de fazer uma transcrição da entrevista, o material deve retornar ao entrevistado. E, se houver interesse em veicular as informações ou mesmo publicar a entrevista, é necessária a cessão do depoimento por intermédio de uma carta específica.

É importante que se vivencie tais procedimentos em relação às fontes orais desde os primeiros anos escolares. Para isso, elaborar uma "Folha de Pesquisa" pode ser uma alternativa interessante. Veja a sugestão a seguir:

FOLHA DE PESQUISA

Nome do entrevistado: _____

Idade: _____

Profissão: _____

Data: __/__/__ Início: _____ Término: _____ Carga horária: _____

Respostas: _____

Observações do pesquisador: _____

Data da pesquisa: _____

Assinatura do pesquisador: _____

Imagens: fotografias e obras de arte

No caso da pesquisa iconográfica, como qualquer outra fonte, é necessário fazer as perguntas para que as informações sejam explicitadas. Por exemplo, se a imagem retrata alguma situação especial, quais as pessoas presentes, o lugar retratado, a época aproximada, as posturas e expressões, as vestimentas, a arquitetura e outros detalhes e seus significados.

A partir da leitura da imagem, outras atividades podem ser desenvolvidas, tais como: sugerir a elaboração de um texto ou história com base no que foi observado; escrever uma carta para a pessoa retratada (se for o caso); comparar a vida da(s) pessoa(s) ou lugares retratado(s) com a vida e o lugar de moradia do aluno; pesquisas em jornais e revistas buscando artigos ou reportagens sobre a temática retratada. É importante também situar o contexto de produção dessa imagem; o estilo e as técnicas utilizados; buscar informações sobre o autor.

Ao trabalhar com iconografia, é preciso um grande cuidado, especialmente para não cometer equívocos, confundindo desenhos ou qualquer outra imagem com fotografias. É preciso que os alunos aprendam a reconhecer e a diferenciar as várias fontes, e não confundam, por exemplo uma pintura ou ilustração gráfica com fotografia. No entanto, ao fazer essa diferenciação, é importante não reforçar outro equívoco: os alunos costumam associar a obra de arte à criação, ao imaginário, algo não necessariamente real, e a fotografia ao *retrato do real*. Nesse caso é preciso refletir sobre a fotografia como algo que também é produção, trabalho e criação – no caso, de um fotógrafo que faz opções, recortes, seleção, e que não significa, necessariamente, o *retrato do real*. Especialmente nos dias de hoje, com os recursos existentes com a computação gráfica, que amplia as possibilidades de criação de fotografias por meio de montagens.

É importante que os alunos saibam que existem acervos de imagens, tais como os de revistas e jornais, os de órgãos públicos, os de arquivos e museus de Secretarias de Cultura. As regras de funcionamento e acesso a esse tipo de material

variam de acordo com cada instituição. Via de regra, as imagens estão organizadas por temas ou assuntos e, muitas vezes, é preciso autorização ou mesmo pagamento para que sejam reproduzidas (digitalizadas ou novamente fotografadas).

O aluno deve ser incentivado a, ao utilizar uma imagem como fonte de pesquisa, apresentar as informações sobre ela: nome do autor, data, lugar, pessoa ou situação retratada, nome do proprietário ou da instituição ao qual a imagem pertence.

ROTEIRO PARA OBSERVAÇÃO DE IMAGEM

Quando a imagem foi feita (a época aproximada)

O que ela mostra: acontecimento (o que sei sobre ele); pessoas (posturas e expressões, vestimentas); lugar (se conhecido ou não; quais alterações percebidas nele; sinais e indicações que apresenta)

Quem produziu a imagem

Motivos que o autor teria para produzir essa imagem

Propriedade: nome da pessoa ou da instituição ao qual a imagem pertence

ROTEIRO PARA LEGENDA DE IMAGEM

Título: _____

Autor: _____

Data: _____

Cidade: _____

Comentários: _____

Acervo: _____

Música

Ao trabalhar com música, na sala de aula, é preciso não esquecer que se trata de uma expressão artística que merece um cuidado muito especial. Não deve ser entendida como um simples recurso ilustrativo, que contém apenas informações ou um conteúdo a ser trabalhado. A música provoca a memória, expressa idéias e sentimentos de uma época, aliando significados coletivos aos pessoais. Além da dimensão racional, a música traz à tona sentimentos, emoções, desejos... Veja só o que diz um professor de música:

Eu sempre gostei muito de música.

Hoje, que sou adulto, dou aula de música na universidade e escrevo sobre música no jornal. Gosto tanto de música que não agüento ouvir todo dia. Só ouço quando posso prestar atenção de verdade: quando sinto que estou pronto para escutar. Porque a música me toca mais do que qualquer outra coisa.⁴

Para outro professor, e artista, a música é *uma das formas de expressão que mais mexem com a alma humana*.

Dessa maneira, é importante que a música seja ouvida pelo grupo de alunos, para que a turma possa expressar seus sentimentos e as percepções que ela provoca. O som, o autor, o contexto devem ser objetos de atenção.

O trabalho com música pode desencadear a produção de novas letras, utilizando as melodias ou mesmo a criação de letras e música. Atualmente, músicas de protesto, geralmente abordando problemas de jovens, como a violência, o desemprego e o racismo, como o *RAP* (iniciais da expressão *Ritmo, Arte e Poesia*) que é um misto de letra falada e cantada, agradam muito aos jovens alunos. Uma possibilidade é propor a elaboração de RAPs.

⁴ "Uma aula de música do meu avô". In: NESTROVSKI, Arthur. Histórias de avô e avó. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1998.

A seguir, algumas sugestões e dicas com a intenção de contribuir para o trabalho com músicas em sala de aula:

SUGESTÕES PARA O TRABALHO COM MÚSICA EM SALA DE AULA

Ouvir a música, solicitando aos alunos uma atenção especial ao **som**:

- Qual o ritmo?
- Quais são os instrumentos?
- Algum predomina?
- Essa música é conhecida?
- Quais circunstâncias de uso?
- Que sentimentos esse som me traz?

Com a letra da música em mãos, é possível trabalhar o **texto musical**:

- Vocabulário;
- Lugares e tempos a que se refere;
- Informações;
- Analogias, metáforas e simbologias.

É importante procurar informações sobre o(s) **autor/es**:

- Biografia;
- Carreira musical;
- Temas que normalmente aborda;
- Envolvimento em questões/temas sociais ou políticos, por exemplo.

O **momento social** pode também ser estudado pela música. Tanto o contexto da sua produção como um contexto específico que ela possa abordar ou fazer referências:

- Quando foi produzida?
- Naquela época o que significava?
- Qual era/foi a sua repercussão?
- Em que lugar e por quem era cantada?
- Quais mensagens divulgava?
- Sobre qual momento ela se refere?

Tais informações podem ser levantadas previamente pelo professor e apresentadas para a turma ou transformar-se em objeto de pesquisa dos alunos.

Filmes/vídeo

O cinema parte da imagem para a emoção e da emoção para a idéia.

Usar o filme como fonte de pesquisa não pode ser tomá-lo como ilustração e/ou complemento do texto escrito. Ele possui uma linguagem própria, assim como as artes plásticas, a literatura, a pintura e a música. É preciso entendê-lo como uma representação da sociedade, e não uma evidência do real. Mesmo o filme *documentário*. Ele também é uma construção que, no caso, alia elementos da expressão cinematográfica com um contexto histórico e social determinado. O filme é uma montagem: há recortes e seleções feitas pelo diretor; os efeitos sonoros que provocam determinados sentimentos; o enfoque dado pela câmera, seja primeiro plano, seja segundo plano, por exemplo. Assim sendo, não há filme neutro tanto em relação à sociedade onde foi produzido como ao ser visto em outros lugares, divulgando valores e idéias.

Ao conter tais informações, o filme torna-se um documento histórico. Nesse sentido, a função do pesquisador não pode ser a de um espectador que dá apenas uma impressão sobre o que vê na tela, do cinema ou da televisão. Segundo Marc Ferro, é preciso “analisar no filme, principalmente a narrativa, o cenário, o texto, as relações do filme com o que não é filme: o autor, a produção, o público, a crítica, o regime. Pode-se assim esperar compreender não somente a obra como também a realidade que representa” (FERRO, 1976, p. 203).

Se o filme for assistido em vídeo, no espaço escolar é preciso atenção com a disposição dos alunos durante a sua projeção. É um momento importante também para que o professor fique atento às atitudes de cada aluno em relação ao envolvimento, grau de interesse e compreensão, como se posiciona ante os imprevistos ou questões apresentadas pelo filme. Um elemento essencial é que o professor já tenha assistido ao filme, até para avaliar a adequação ou não de sua exibição aos alunos.

Ciente desses cuidados, o filme pode se transformar num importante aliado dos professores, uma vez que a linguagem da imagem desperta a curiosidade, aguça a observação e coletiviza a discussão em torno das informações. É preciso, então, instigar a turma antes de ver o filme, ou seja, fazer uma contextualização ou antecipação de alguns dados. Depois da exibição, é preciso deixar aflorar as diferentes opiniões e sentimentos provocados pelo filme. Após o debate, para despertar a atenção dos alunos para alguns aspectos que merecem maior aprofundamento, de acordo com a temática e os objetivos propostos, pode-se elaborar um roteiro de questões que contenha:

- uma pequena sinopse do filme e dados sobre sua produção, direção e atores;
- informações complementares sobre o assunto e o pedido para que se estabeleça relações com o filme;
- questões que exijam pesquisas em outras fontes;
- proposta para que o aluno relacione o filme com outros tipos de material trabalhado (artigos de jornal, textos didáticos etc.);
- uma questão mais aberta, com múltiplas possibilidades de respostas, para que os alunos expressem suas opiniões, impressões e sentimentos.

A seguir, dois exemplos: o primeiro apresenta questões para depois da exibição do filme, e o segundo, um roteiro elaborado para análise do filme *Gaijin, os caminhos da liberdade*, de Tizuka Yamasaki.

SUGESTÕES PARA DEPOIS DA PROJEÇÃO DO FILME

Comunicação espontânea

Um filme, via de regra, suscita as mais diversas reações: intelectuais e estéticas, racionais e afetivas, ideológicas e éticas. Após a sua exibição, é importante que essas reações afluam, sobretudo os elementos afetivos. Algumas questões podem instigar que os alunos se posicionem:

- Que lhes pareceu o filme? Que sensação lhes provocou? Que sentiram ao assisti-lo?
- Do que mais gostaram? E do que menos gostaram?
- O que mais lhe chamou a atenção?
- Que imagens ou sons os impactaram mais?
- Que reações lhes provocaram os personagens, as situações, os fenômenos mostrados no filme?

É importante que, nesse momento, o professor evite tudo o que possa bloquear a comunicação espontânea das opiniões e dos sentimentos dos alunos. Até mesmo, assumir um posicionamento, debate ou esclarecimentos. Trata-se apenas de expor, comunicar e opinar.

Avaliação das contribuições

É importante que as reações e os comentários dos alunos sejam objeto de reflexão. O professor pode anotar no quadro as idéias que mais marcaram; as que passaram despercebidas; os elementos que ficaram confusos; os equívocos. Até mesmo o silêncio diante de algumas questões pode ser revelador de temores, preconceitos ou tabus. O desafio do professor nesse momento é elaborar, com base em todos esses elementos, sua estratégia de abordagem.

Reflexão crítica

É o momento do diálogo, do debate, da confrontação, da busca, da pesquisa, da reflexão. Esse momento supõe a gradativa proeminência da dimensão racional sobre a afetiva. Trata-se de ir introduzindo gradualmente elementos reflexivos e críticos. Algumas questões previamente elaboradas podem ser utilizadas sem que assumam o caráter de mero questionário que desconsidera a dinâmica do grupo.

Nesse momento, a confrontação pode se converter em um excelente instrumento de trabalho. Confrontar opiniões ou atitudes exigirá que os alunos justifiquem racionalmente sua própria posição. O professor deve atuar como moderador do diálogo ou debate.

Recapitulação e síntese

O diálogo aberto após a exibição do vídeo terá dado resposta a muitas perguntas, porém também terá ensejado novos questionamentos. Esse é o momento de utilizar novo material, instigar que os alunos revejam questões já abordadas (agora com outro olhar), que busquem outras informações ou respostas para suas dúvidas. Como síntese, é importante que se faça uma avaliação coletiva do filme, indicando seus pontos fortes, seus limites e que se integre, num contexto significativo mais amplo, os elementos que apresenta.

Fonte: FERRÉS, Joan. *Video e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. (com adaptações)

ROTEIRO PARA ANÁLISE DO FILME *GAIJIN, OS CAMINHOS DA LIBERDADE*

Síntese

Brasil, início do século. Esse é o cenário do filme brasileiro *Gaijin, os caminhos da liberdade*, de Tizuka Yamasaki, produzido pelo Centro de Produção e Comunicação (CPC) e pela Embrafilme em 1980.

Através das lembranças de Tioe, uma imigrante japonesa, a chegada ao Brasil, as condições de trabalho na lavoura de café, as diferenças culturais, a presença de imigrantes de várias nacionalidades, as dificuldades dos primeiros anos em um país tão distante espacial e culturalmente de sua terra natal, desfilam por nossos olhos, carregadas de emoção.

Gaijin apresenta pontos comuns na vida e no trabalho de inúmeros imigrantes e migrantes – a saudade de sua terra, a busca da riqueza e a intensa exploração da “nova” mão-de-obra. E apresenta também diversos momentos em que a diferença é a marca – aspectos culturais, a dança, a música, a linguagem, o papel da mulher, a disciplina e hierarquia familiar e no trabalho, a militância política e suas formas de resistência são alguns exemplos.

Pesquisa e resposta

1 - “Esses japoneses, em sua maioria, encaravam a imigração de modo estritamente instrumental: a idéia era trabalhar alguns anos no exterior, onde acumulariam uma quantidade de capital suficiente para melhorar a situação de suas famílias quando retornassem ao Japão. Em geral, eram solteiros e tinham uma orientação sócio-cultural voltada para o país de origem.”

(Revista *Trabalhadores - imigrantes*. Campinas, Secretaria Municipal de Cultura, 1989. p. 25)

Procure lembrar de cenas do filme que possam confirmar ou contradizer tais informações.

2 - Em uma cena do filme, os imigrantes Tioe, Yassuji e Yamada expressam sua indignação em relação à monocultura cafeeira. Na conversa chegam até a esboçar planos para disseminar o cultivo de verduras. O direcionamento das atividades da maioria dos imigrantes japoneses para o ramo hortifrutigranjeiro pode ser percebido em diversas regiões do Brasil por onde passaram. E, em Belo Horizonte, isso também aconteceu? A leitura que fizemos do artigo “Japoneses: com perseverança eles venceram resistências” (Jornal Minas Gerais) pode te ajudar nessa resposta.

3 - Exprese, com bastante criatividade (desenho, poema, texto), o que mais lhe marcou no filme.

Fonte: Roteiro elaborado por Cláudia Sapag Ricci e Lorene dos Santos para uma Oficina com Professores, (Centro de Referência dos Professores/SEE-MG), 1997.

Objetos - monumentos

Desde que tratados como *documentos*, as evidências materiais e manifestações culturais (como objetos, monumentos e espaços da cidade) podem revelar inúmeras informações. É claro que, como todo documento, não falam por si sós. É preciso que sejam feitas perguntas, que sejam relacionados com outras fontes, que sejam contextualizados.

Por exemplo, o trabalho em sala de aula com a “leitura” de objetos, a sua organização para montagem de exposições, via de regra, realiza-se com um grande envolvimento e entusiasmo dos alunos com suas descobertas. Relatos de experiências que envolvem visitas a museus ou montagem de um museu na escola com catalogação dos objetos (fichas com dados como nome do proprietário, procedência, material de que é feito e data de fabricação) expressam o grande envolvimento de alunos e professoras, assim como demonstram a preocupação com a questão patrimonial.

Ao realizar esse tipo de pesquisa, é importante refletir sobre determinada concepção de museu, que apenas elege objetos exóticos, diferentes, especiais ou pertencentes a personalidades. É uma boa oportunidade para rever essa concepção e buscar trabalhar a idéia do objeto como importante e significativo para o aluno, a história do objeto, sua origem, como ele chegou às mãos desse aluno, as diferentes percepções além da visual (como olfato e tato), idéias sobre a construção desse objeto, do trabalho que ele contém, entre outras questões. Permite também estabelecer critérios para classificação dos objetos, o estabelecimento de relações e agrupamentos, desvendando o fato de que a forma como os objetos são apresentados em um museu é uma escolha, uma opção baseada em determinada concepção museológica.

Segundo o Guia Básico de Educação Patrimonial(HORTA et al., 1999, p. 10),

É importante notar que cada objeto ou evidência da cultura traz em si uma multiplicidade de aspectos e significados. Neste processo de etapas sucessivas de **percepção, análise e interpretação** das expressões culturais é necessário **definir e delimitar os objetivos e metas** da atividade, de acordo com o que se quer alcançar, e com a natureza e complexidade do objeto estudado.

As autoras desse guia indicam, valendo-se desses pressupostos, algumas etapas para esse tipo de estudo:

- observação
- registro
- exploração
- apropriação

Para a **observação**, sugerem como recursos exercícios de percepção visual/sensorial, por meio de perguntas, manipulação, experimentação, medição, anotações, comparação, dedução, jogos. Utilizam como exemplo a observação de uma cadeira, propondo as seguintes perguntas: *de que material ela é feita? Por que foi feita desse material? Qual sua cor, forma e textura? É confortável? É diferente de outras cadeiras? O que diz a sua ornamentação? Ela tem cheiro? Em que época foi feita? Ela já foi consertada? Como? Por quê? Ela está limpa? Ela se relaciona com outros objetos na sala? Foi fabricada artesanalmente ou industrialmente? Você já olhou em baixo da cadeira ou passou o dedo sob ela? Isso altera alguma das respostas acima?*

Para o **registro**, indicam *desenhos, descrição verbal ou escrita, gráficos, fotografias, maquetes, mapas e plantas baixas*. No mesmo exemplo, utilizando o objeto cadeira, sugerem que seja feita uma descrição em palavras da cadeira; que ela seja fotografada em diferentes ângulos; que seja medida, pesada; que as formas de encaixe ou construção sejam anotadas ou mesmo reproduzidas em tamanho real ou reduzido, em diferentes tipos de material.

Para a **exploração**, indicam recursos como *análise do problema, levantamento de hipóteses, discussão, questionamento, avaliação, pesquisa em outras fontes, como bibliotecas, arquivos, cartórios, instituições, jornais e entrevistas*. São essas as atividades, em relação ao exemplo – cadeira – que propõem: *procure descobrir por meio de perguntas a outras*

pessoas, consulta a livros, revistas ou documentos, pesquisa em arquivos de fotografias e textos, visitas a instituições especializadas, o contexto histórico, social, econômico, tecnológico e político em que essa cadeira está inserida.

Para a **apropriação**, indicam as seguintes atividades: *recriação, releitura, dramatização, interpretação em diferentes meio de expressão, como pintura, escultura, drama, dança, música, poesia, texto, filme e vídeo*. Propõem em relação à cadeira: *você é capaz de recriar essa cadeira de alguma forma? Poética, plástica, musical, com movimentos ou dramatização? Nesse momento, é a sua própria capacidade de expressão criativa que estará se revelando.*

Uma possibilidade é aliar o trabalho com os procedimentos para a preservação patrimonial – o que ocorre nos bastidores de um museu, por exemplo –, com a história de vida de alunos. Instigá-los, com base na leitura de um texto, por exemplo, a buscar objetos que “contem” sobre eles, descobrir e socializar a história de cada objeto. Tal atividade propicia significativos momentos de socialização e troca, que podem ser ampliados para além da sala de aula ao se montar uma exposição e envolver alunos de outras turmas e turnos. Nesse caso, é preciso confeccionar, além das fichas com informações e dados sobre alguns objetos escolhidos, cartazes e convites para os pais e os alunos de outras turmas. A seguir, alguns exemplos:

1. uma atividade desenvolvida com o objetivo de instigar os alunos de 1ª série a pesquisar objetos pessoais significativos e a ficha de catalogação proposta para a organização e a exposição desses objetos;
2. um roteiro para levantamento de conhecimentos prévios sobre museu, de observação de objetos e uma ficha de identificação de objeto após visita ao Museu Histórico Abílio Barreto;
3. um roteiro para análise de um objeto proposto pelo Guia Básico de Educação Patrimonial.

O MUSEU DO BELO

Nome: _____

Data: _____

O Museu do Belo

“... Belo foi até seu quarto e ficou horas revirando sua “caixinha de tesouros”: uma caixa de sapatos onde ele guardava pequenas lembranças, como a embalagem do bombom que a Soninha (ai – ai... a Soninha...) lhe dera quando se conheceu; uma bolinha de gude lindona que ganhara num jogo difícil; um pedaço de bilhete de entrada para o playcenter (Nossa, aquele dia foi demais!!!); um retrato dele e de seu pai na praia... Belo ficou pensando se aquela caixinha não poderia ser chamada de “Museu do Belo”. Afinal, ali estavam suas “coisas velhas”- mas também não eram tão velhas assim. Mas, já tinham história. Pelo menos para o Belo.”

CISALPINO, Murilo. *Passeando no tempo*. Belo Horizonte, Cape / SMED - PMBH, 1996.

Belo, mexendo em sua caixinha, encontrou vários objetos que lhe ajudaram a lembrar de momentos que viveu e a recordar sua história. Anote o nome de outros objetos que podem ajudar a construir a história de vida de uma pessoa.

FICHA DE CATALOGAÇÃO DO OBJETO

Nome do proprietário: _____

Procedência: _____

Material (cor, forma): _____

Uso: _____

Data de fabricação: _____

Comentários: _____

PROJETO EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

1 - Responda, no seu caderno, às questões abaixo:

- Para você, o que é um museu?
- Para que servem os museus?
- Você já foi a um museu?
- Conte o que você viu no museu.
- Quem foi com você?
- Conte o que você mais gostou de ter visto.
- Por que você foi ao museu?
- Se você nunca foi a um museu, o que você espera encontrar lá?

2. Faça um desenho de como você vê um museu.

3. Pense sobre as coisas que você encontra em sua casa e que poderiam estar em um museu. Faça um lista.

4. Para casa: trazer um dos objetos que você pôs na lista para a sala de aula.

5. Na próxima aula: observe o objeto trazido e preencha a ficha.

Fonte: Atividade elaborada pela Professora Soraia Dutra para seus alunos do 3º ano do Centro Pedagógico – UFMG, durante a realização do Projeto Educação Patrimonial em 1995.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO

Objeto: _____

Época: _____

Origem: _____

Material de que é feito: _____

Como é utilizado: _____

Descrição do objeto: _____

Estado de conservação do objeto:

Muito bom Bom Regular Péssimo

Desenho do objeto:

Nome do aluno: _____

Data: __ / __ / __

Fonte: Ficha elaborada pela Professora Soraia Dutra para o trabalho de identificação de objetos no Projeto Educação Patrimonial, desenvolvido com alunos do 3º ano da Escola Fundamental do Centro Pedagógico – UFMG, em 1995.

ROTEIRO PARA ANÁLISE DE OBJETO

ASPECTOS PRINCIPAIS A OBSERVAR	OUTRAS PERGUNTAS	ASPECTOS DESCOBERTOS PELA OBSERVAÇÃO	ASPECTOS A PESQUISAR
Aspectos físicos O que parece ser este objeto?	Que cor tem? Que cheiro tem? Que barulho faz? De que material é feito? O material é natural ou manufaturado? O objeto está completo? Foi alterado, adaptado ou consertado? Está usado?		
Construção Como foi feito?	Onde foi feito? Foi feito à mão ou à máquina? Foi feito em uma peça única, ou em partes separadas? Com uso de molde ou modelado à mão? Como foi montado? (com parafusos, pregos, cola ou encaixes?)		
Função Para que foi feito?	Quem o fez? Para que finalidade? Como foi ou é usado? O uso inicial foi mudado?		
Forma (design) O objeto tem uma boa forma?	De que maneira a forma indica a função? Ele é bem adequado para o uso pretendido? O material utilizado é adequado? É decorado, ornamentado/ Como é a decoração? O que a forma e a decoração indicam? Sua aparência lhe agrada?		
Valor Quanto vale este objeto? É bem desenhado?	Para as pessoas que o fabricaram? Para as pessoas que o usaram? (ou usaram?) Para as pessoas que o guardaram? Para as pessoas que o venderam? Para você? Para um Banco? Para um Museu?		

Fonte: HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. Guia Básico de Educação Patrimonial. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Museu Imperial, 1999. p.14.

Pesquisas de campo ou estudos do meio

... a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras.

As cidades invisíveis – Ítalo Calvino

Com a preocupação em diversificar as fontes para uma pesquisa, é muito importante incluir a pesquisa de campo, ou seja, a realização de vivências em diferentes lugares. Em algumas propostas pedagógicas, esse tipo de pesquisa é denominada como “estudos do meio”. São várias as possibilidades desse trabalho. Por exemplo, no estudo sobre a escola e sua história, pode-se propor aos alunos um passeio pela escola para conhecimento de suas instalações físicas, da importância de cada instalação, da infra-estrutura, das pessoas que trabalham nesse espaço, das tarefas que desempenham e da importância do trabalho de cada um, do que possibilita a percepção do desenvolvimento de atividades simultâneas (enquanto uns têm aulas, outros trabalham na secretaria, na direção, na cantina, na limpeza, etc.).

Pode-se também extrapolar o espaço escolar, visitando exposições em museus ou centros culturais; realizando viagens para cidades históricas ou diferentes áreas, como centros históricos da própria cidade, ou ainda desenvolvendo estudos no próprio bairro. Neste último caso, são inúmeras as possibilidades, por exemplo, uma visita a um estabelecimento comercial ou industrial do bairro, para acompanhar o processo de produção e/ou comercialização de determinados produtos consumidos no dia-a-dia (a diversidade de produtos à venda, os preços, rótulos e cartazes de propaganda, num estudo sobre o consumo e/ou a produção e abastecimento, a distribuição e/ou a concentração de produtos, locais de armazenamento, condições necessárias, custo, etc.).

É importante ter claro que tais atividades exigem tanto um trabalho anterior de levantamento de informações e organização de roteiros de pesquisa (assim como todos os combinados necessários a um empreendimento desse tipo) como um trabalho posterior de organização/sistematização das informações coletadas, com a produção de trabalhos de síntese.

A seguir, exemplos de roteiros utilizados para visitas a instituições de Belo Horizonte. O primeiro foi dirigido a alunos de 9/10 anos de idade, e o segundo trata-se de uma proposta de trabalho para alunos universitários do curso de História. Em ambos, com o objetivo de (re)conhecer os bastidores de algumas instituições, foi apresentada a mesma lista em anexo aqui reproduzida apenas uma vez. O terceiro roteiro é dirigido aos pais de alunos em razão da idade dos alunos – 6, 7 ou 8 anos – e o fato da proposta ter como objetivo envolver a família. O quarto e quinto são sugestões do Guia Básico de Educação Patrimonial de questões para um roteiro básico de observação e um roteiro para identificação e análise de edifícios ou monumentos históricos, respectivamente.

ROTEIROS PARA PESQUISA EM INSTITUIÇÕES 2º CICLO

Lemos e discutimos em sala de aula as dicas para uma boa pesquisa apresentadas por Ruth Rocha em seu livro **Pesquisar e aprender**. Agora é hora de conhecer um pouquinho mais de perto os lugares e as instituições que nos podem ajudar em uma pesquisa. Primeiro passo é definir quais são as perguntas, o que se quer saber. Veja as minhas dicas:

- Nome da instituição (qual o motivo desse nome)
- Endereço (se sempre esteve nesse endereço, se tem planos para mudanças...)
- O que ela é (museu, biblioteca, banco de dados, arquivo oficial, centro cultural, etc.)
- Qual a sua função
- Quais atividades ou serviços realiza

- Qual o seu acervo (o que ela tem ou guarda)
- Qual seu horário de funcionamento
- Quem trabalha nela (algum profissional especializado?)
- Que tipo de público atende
- Se é uma entidade pública ou particular
- Se está vinculada a algum órgão ou empresa (qual)
- Como ela pode auxiliar ou contribuir para um trabalho de pesquisa escolar

É claro que são apenas *algumas* das muitas perguntas que você pode fazer, acrescentando tudo o que sua curiosidade mandar. Você deve procurar saber o máximo sobre o lugar pesquisado. Para isso pode entrevistar algum funcionário, tentar conseguir *folder* ou folhetos sobre a instituição, fotografar (se for permitido), enfim, fazer um verdadeiro trabalho de pesquisador. Você tem cinco listas: uma de museus, uma de bibliotecas, uma de arquivos oficiais, uma de banco de dados de jornais e revistas e uma de centros culturais. Escolha uma instituição de cada lista. Você poderá incluir e visitar alguma instituição que não esteja nas listas. Mas preste atenção: você terá que ir conhecer de perto uma biblioteca, um arquivo oficial, um museu, um banco de dados de jornal e um centro cultural. Seu trabalho estará completo ao conhecer cinco instituições, uma de cada tipo. Lembre-se: é sempre bom telefonar antes, buscando informações sobre horário de funcionamento ou até agendando a sua visita.

Depois de realizada a pesquisa, é preciso registrá-la. Esse registro, ou seja, o seu trabalho final, deverá apresentar pelo menos três partes:

1. a apresentação dos dados pesquisados sobre cada uma das instituições (lembre-se das perguntas e sugestões acima);
2. um quadro comparativo entre as instituições (as diferenças e as semelhanças entre elas);
3. comentários e apreciação do trabalho (o que você achou e/ou como foi fazer essa pesquisa).

Boa pesquisa e bom trabalho!!!

Fonte: Roteiro elaborado por Cláudia Sapag Ricci para seus alunos do 2º Ciclo do Centro Pedagógico da UFMG

BIBLIOTECAS	ARQUIVOS OFICIAIS	MUSEUS	CENTROS CULTURAIS
Biblioteca Pública Estadual Tel.: 3269-1166	Arquivo Público Mineiro Tel.:3269-1061	Museu Histórico Abílio Barreto Tel.: 3277-4345	Centro Cultural UFMG Tel.: 3226-4544 ou 3224-5159-
Biblioteca Infanto-Juvenil Tel.: 3277-8580 ou 3277-8651	Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte Tel.: 3277-4665	Museu de Arte Pampulha Tel.: 3443-4533	Centro Cultural Itaú Tel.: 3222-8160-
Biblioteca Central da UFMG Tel.: 3499-4613		Museu de História Natural Tel.:3482-9723	Centro Cultural Lagoa do Nado Tel.: 3277-7320-CRAV
Biblioteca Lagoa do Nado Tel.: 3277-7336		Museu Histórico da Polícia Militar Tel.: 3330-4011	Tel.: 3277-5132- Centro Cultural Alto Vera Cruz Tel.: 3277-5612-
Biblioteca da PUC		Museu Mineiro Tel.: 3269-1168	Centro Cultural São Bernardo Tel.: 3277-7416-
		Museu da Telecomunicação Tel.: 3229- 2873	Centro de Cultura Belo Horizonte Tel.: 3277-4265
		Museu Ferroviário Tel.: 3218-2222	

Informações Turísticas: 3220-1310

www.wbhaz.com.br

www.pbh.gov.br/belotur

ROTEIRO PESQUISA INSTITUIÇÃO CONHECENDO INSTITUIÇÕES

ROTEIRO

Conhecendo instituições

Objetivo: conhecer de perto os lugares que podem contribuir num trabalho de pesquisa ou mesmo, espaços de atuação de profissionais de história. Tal objetivo deve nortear a visita às instituições – museus, arquivos oficiais, centros culturais e bibliotecas.

Procedimento metodológico: procure compreender os “bastidores” das instituições visitadas, lembrando dos eixos norteadores = lugares de pesquisa e espaço de trabalho do historiador. Busque trabalhar com diversas fontes: entrevistas (com funcionários ou usuários da instituição); *folder* ou folhetos sobre a instituição; fotografias, etc. Faça um roteiro definindo suas

questões, o que você quer saber em relação ao espaço visitado. Veja algumas dicas:

- Nome da instituição (qual o motivo desse nome)
- Endereço (se sempre esteve nesse endereço, se tem planos para mudanças...)
- O que ela é (museu, biblioteca, banco de dados, arquivo oficial, centro cultural, etc)
- Qual a sua função
- Quais atividades ou serviços realiza
- Qual o seu acervo (o que ela tem ou guarda)
- Qual seu horário de funcionamento
- Quem trabalha nela (historiador ou algum profissional especializado?)
- Que tipo de público atende
- Se é uma entidade pública ou particular
- Se está vinculada a algum órgão ou empresa (qual)
- Como ela pode auxiliar ou contribuir para um trabalho de pesquisa
- Qual o trabalho que um historiador pode desenvolver nessa instituição

É claro que são apenas *algumas* das muitas perguntas que você pode fazer, acrescentando tudo o que sua curiosidade mandar. A seguir, são apresentadas quatro listas: uma de museus, uma de bibliotecas, uma de arquivos oficiais e uma de centros culturais. Escolha uma instituição de cada lista. Você poderá incluir e visitar alguma instituição que não esteja nas listas. Mas preste atenção: você terá que ir conhecer de perto uma biblioteca, um arquivo oficial, um museu e um centro cultural. Seu trabalho estará completo ao conhecer quatro instituições, uma de cada tipo. Lembre-se: é sempre bom telefonar antes, buscando informações sobre horário de funcionamento ou até agendando a sua visita.

Apresentação: relatório com apresentação dos dados sobre cada uma das instituições; um contraponto (as diferenças e semelhanças entre elas) entre as instituições; comentários e apreciação do trabalho em relação aos eixos norteadores (lugar de pesquisa e atuação de profissionais de história) e o que você achou ou como foi fazer essa pesquisa.

Boa pesquisa e bom trabalho!!!

Fonte: Roteiro elaborado por Cláudia Sapag Ricci para seus alunos do curso de História da PUC Minas.

ROTEIRO PESQUISA MÚLTIPLOS OLHARES

Roteiro de pesquisa

A cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras.

(ÍTALO CALVINO, 1972)

A proposta **Múltiplos olhares sobre a cidade**, que ora apresentamos, parte dos mesmos pressupostos do projeto Vivências Culturais: criar oportunidades de formação que ultrapassem as salas de aulas e ressaltar a importância de perceber e conhecer diferentes espaços, os seus significados, e os cuidados para a sua preservação. No entanto, essa proposta é mais ampla na medida em que busca a parceria com os pais, parentes e/ou responsáveis por nossos alunos, tendo como objetivo que possam conhecer Belo Horizonte em companhia de suas famílias.

Apresentamos abaixo sugestões de diversos lugares a ser visitados por vocês e seus (suas) filhos(as). Entre eles escolham, juntos, **6 (seis)** para conhecer bem de perto. Mas, atenção! É preciso um olhar atento e uma postura indagativa: quem construiu? Por que construiu? Quem fez? Qual o uso? A quem serve? Quem destruiu? O que havia antes?

Solicitamos instigar a curiosidade e a atenção das crianças para a **observação** do trajeto, das pessoas, das atividades desenvolvidas nos lugares visitados. É importante que levem papel e lápis para as anotações e, se possível, máquina fotográfica para registrar. Para conhecer, é fundamental observar, fazer perguntas, tentar conseguir *folder* ou folhetos informativos, anotar, desenhar... enfim, realizar um verdadeiro trabalho de pesquisador.

A entrega desse trabalho – que além dos registros e comentários do(a) aluno(a) pode conter comentários de quem os

acompanhou nas visitas – deverá ser feita na **última semana do mês de novembro**, para que a pesquisa tenha bastante tempo para ser realizada.

Aeroporto da Pampulha	Praça 21 de Abril (Praça Tiradentes)
Estação Ferroviária	Praça Benjamim Guimarães (ABC)
Estação Rodoviária	Praça da Bandeira
Igreja da Boa Viagem	Praça da Liberdade
Igreja de Lourdes	Praça do Papa
Igreja de São Francisco	Praça Milton Campos
Mineirão e Mineirinho	Praça Raul Soares
Palácio das Artes	Praça Sete de Setembro
Parque das Mangabeiras	Ribeirão Arrudas
Parque Municipal	Serra do Curral

Informações Turísticas: 3220-1310

www.wbhz.com.br

www.pbh.gov.br/belotur

Fonte: Roteiro elaborado por Cláudia Sapag Ricci para seus alunos do 1º Ciclo do Centro Pedagógico da UFMG

QUESTÕES PARA UM ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

Sugestões de aspectos que podem ser observados pelos alunos:

- Quais edifícios que chamam mais a atenção e por quê? Alguns deles estão nos mapas mentais feitos em sala de aula?
- Quais são os edifícios mais antigos? Têm características comuns (estilo, material, tamanho, etc.)?
- Identificar edifícios modernos com decoração imitando estilos mais antigos, janelas, portas, telhados, grades, postes e luminárias, letreiros, etc.
- Procurar mudanças feitas nos edifícios que não combinem com eles, como janelas e portas substituídas, acréscimos de pavimentos ou telhados novos. Essas observações podem levar à discussão dos motivos que levaram as pessoas a fazer tais modificações?
- Observar detalhes nos edifícios que dêem dicas sobre os seus moradores. São ricos ou pobres? Jovens ou velhos? Que tipo de interesse têm? O que o nome dos escritórios ou lojas pode revelar?
- Observar o material de construção: é local ou vem de fora? Natural ou artificial? O material usado em casas velhas é o mesmo que nas novas?
- Observar nos edifícios sinais de conversação ou indícios de sua necessidade.
- As ruas e as praças estão bem cuidadas, têm lixo?
- Exercitar a percepção sensorial mediante a identificação de sons, cheiros, texturas, sensações em relação aos edifícios, às ruas e aos espaços públicos (praças, largos, etc.)

Fonte: HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. Guia Básico de Educação Patrimonial. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Museu Imperial, 1999. p. 28

ROTEIRO PARA IDENTIFICAÇÃO E ANÁLISE DE EDIFÍCIOS/MONUMENTOS HISTÓRICOS

Identificação do edifício

Cidade _____
 Estado _____
 Rua _____
 Número _____
 Bairro _____

Características do edifício

Antigo Moderno
 Foi modificado? S N
 No volume?
 Nas janelas?
 Nas portas?
 No telhado?
 Nº de pavimentos
 Acréscimo Demolição
 Outras? (especifique) _____

Uso do edifício

Residencial Religioso
 Comercial Misto
 Público

Estado de conservação/ ocupação

	Ocupado	Vago	Parcial/ocup.
Em ruínas			
Em mau estado			
Regular			
Bom			

Dados do edifício (com base em informações colhidas durante a visita com moradores, vizinhos ou pedestres):

Diagnóstico do edifício (como ele se apresenta):

Importância do edifício para a comunidade:

O que pode ou deve ser feito?

Observação: você pode pesquisar na Prefeitura ou em escritórios do Patrimônio para descobrir se este edifício está protegido por alguma lei.

Dados do pesquisador:

Nome _____
 Idade _____
 Escola _____
 Série _____
 Grau _____

Fonte: HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. Guia Básico de Educação Patrimonial. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Museu Imperial, 1999. p.31

A socialização e a sistematização de informações: a importância do trabalho coletivo e a possibilidade de contraposição de diferentes versões

Uma etapa essencial de todo trabalho de pesquisa refere-se à socialização das informações pesquisadas. Assim, por exemplo, depois de realizar uma pesquisa, os alunos devem ter oportunidade de conhecer as respostas encontradas por seus colegas de turma, para que possam estabelecer contraposições e identificar tanto as semelhanças entre as respostas (que permitam construir algumas generalizações sobre o tema/época estudado) quanto as diferenças (que permitam identificar a diversidade social presente em cada tempo/lugar).

O momento de socialização constitui-se ainda como espaço privilegiado para o aprendizado da escuta e o desenvolvimento de atitudes de respeito em relação a diferentes fontes de informação. A esse respeito, vale a pena relatar uma experiência de ensino em que a primeira reação dos alunos, quando o professor lhes propôs a realização de entrevistas com pessoas mais velhas, foi de descrédito e desconfiança em relação às informações que essas pessoas poderiam fornecer. Depois da realização da entrevista, durante o processo de socialização das informações, quando foi possível anotar uma grande quantidade de informações recolhidas, o professor pode retomar o assunto, ressaltando com os alunos a riqueza das informações obtidas e a importância de se valorizar o conhecimento dessas pessoas, que, pela experiência de vida, puderam contribuir de forma significativa com o aprendizado da turma.

A socialização e a sistematização de informações pode ser feita de diferentes maneiras, envolvendo todo o coletivo da turma ou coletivos menores (pequenos grupos). A utilização de quadros de registro possibilita, via de regra, a sistematização das informações coletadas e o seu contraponto. A seguir, alguns exemplos de quadros para esse fim. O primeiro foi construído por alunos de 4ª série durante a pesquisa que realizavam sobre quatro Estados brasileiros. Dessa pesquisa os alunos construíram um jogo de cartas. O segundo, foi proposto para um grupo de professores de uma oficina com a intenção de sistematização de dados de uma pesquisa sobre imigrantes no Brasil e, especialmente, em Belo Horizonte. O último é o roteiro proposto para uma sistematização realizada em sala de aula, através de tarjetas que possibilitam a visualização e a socialização das opiniões e idéias de todos os alunos da turma.

QUADRO PESQUISA ESTADOS

	BAHIA	CEARÁ	MINAS GERAIS	SÃO PAULO
Comidas				
Artistas				
Cidades				
Políticos				
Roupas				
Gírias				
Festas				
População				
Área				
Rios				
Região				
Bandeira				
Curiosidades				

QUADRO SISTEMATIZAÇÃO PESQUISA IMIGRANTES

Pais de origem	
Época em que chegaram ao Brasil	
Motivos da vinda	
Regiões onde se estabeleceram quando chegaram em BH	
Principais bairros onde se estabeleceram em BH	
Principais atividades que desenvolveram	
Principais problemas que enfrentaram	
Marcas na cidade nos dias de hoje	
Curiosidades	

ROTEIRO DEBATE SOBRE OS DIFERENTES TIPOS DE MORADIAS

É hora de organizar um debate sobre os diferentes tipos de moradia. Para isso, as dicas e as sugestões a seguir podem ajudar.

Dicas e sugestões

- Junto com dois colegas, converse sobre os motivos da existência de diferentes moradias. É importante conhecer as opiniões de cada um.
- Em pequenas tiras de papel, anotem as principais idéias do grupo. Mas, atenção: em cada tira, escrevam apenas uma idéia, de forma bem resumida e clara.
- Cada grupo deve fixar as tiras de papel no quadro, usando fita adesiva.
- Todas as idéias devem ser lidas para que a turma conheça as opiniões de todos. É importante escutar, assim como argumentar, defendendo seu ponto de vista.
- Depois, junto com o(a) professor(a), a turma deve tentar selecionar as idéias que ajudam a entender melhor as diferenças entre as moradias. Se tiverem alguma dúvida, é só pedir a quem escreveu para explicar suas razões.
- Para finalizar, todos registram no caderno as principais idéias do debate.

Fonte: RICCI, Cláudia Sapag; SANTOS, Lorene dos; HORTA, Célio Augusto da Cunha. "Gente que vai, gente que vem". Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001. (Coleção *História no dia-a-dia*. Livro 3. p.10/11)

Além do processo de socialização de informações obtidas em pesquisas, outras atividades significativas podem ser propostas, tendo como referência a realização de um trabalho coletivo.

As atividades coletivas com os alunos devem ser permanentemente incentivadas, favorecendo o exercício da cooperação, da troca, a aprendizagem da escuta do outro, a definição conjunta de regras, estabelecendo com clareza os direitos

e os deveres de cada um. Mesmo as atividades realizadas individualmente devem ser socializadas. Dessa forma, o grupo passa a ser o fórum privilegiado de discussão e avaliação do processo vivido pelo coletivo e individualmente. Para isso, deve-se exercitar atividades que possibilitem essa interação, discussão, debate, análise, estabelecimento de propostas, elaboração de questionamentos e conclusões.

Sem esquecer que o professor deve estar sempre à procura de material de boa qualidade, atento à divulgação de pesquisas e análises, aos debates promovidos por meios de comunicação, universidades, etc.; deve-se lembrar, por outro lado, que quase todo material/fonte apresenta um potencial de uso, quer dizer, pode cumprir determinados objetivos de aprendizagem.

Pode-se, assim, utilizar trechos de determinado material/fonte para contrapor versões conflitantes em torno de um mesmo assunto, ou ainda como forma de chamar a atenção dos alunos para posturas preconceituosas presentes em determinados material/fonte.

Em um trabalho desenvolvido com uma turma de 8ª série, os alunos pesquisavam seis guerras ocorridas ao longo do século XX. Em vez de propor que cada grupo pesquisasse sobre cada uma das guerras, a proposta – debatida e aprovada por eles – foi a de que todos os alunos pesquisariam as seis guerras, e o que diferenciaria o olhar de cada grupo seriam as fontes pesquisadas. Como havíamos feito uma enorme lista de possíveis fontes de consulta, cada grupo se comprometeu a realizar sua pesquisa em uma ou duas das fontes elencadas. Dessa forma, o cronograma que fizemos não indicava a apresentação de um grupo por aula, mas em cada aula o tema a ser apresentado era uma das guerras. Dessa forma, em cada dia de apresentação da pesquisa sobre uma guerra, todos os alunos tinham o que apresentar, já que a pesquisa foi estruturada em torno de diferentes fontes. Além de possibilitar intensa participação de toda a turma – diferente daquela em que o ânimo habita apenas o grupo que tem o que apresentar –, essa forma de estruturar a pesquisa possibilitava o contraponto entre as informações pesquisadas. Por exemplo, foi intenso

o debate sobre os marcos definidos para o início de uma das guerras – para um dos grupos a data era uma, para outro, a data era diferente, fruto das fontes pesquisadas. Tal debate gerou algumas considerações sobre a construção desses marcos, a importância atribuída à participação e entrada de determinado país na guerra, o que levava a rever e instituir novas datações.

Ao possibilitar o trabalho com a diversidade de fontes, um caminho para abordagens diferenciadas, o professor tem a oportunidade de desmistificar a idéia de verdade absoluta que faz parte das representações em torno de diferentes portadores de textos (isso se refere tanto a livros didáticos, muitas vezes vistos como inquestionáveis pelos alunos, quanto em relação a outros portadores de uso cotidiano, como propagandas impressas, por exemplo).

A SOCIALIZAÇÃO E A SISTEMATIZAÇÃO

Proporcionar o trabalho em grupo, identificando tarefas necessárias, assumindo responsabilidades;

Possibilitar o reconhecimento de diferenças de opiniões e idéias;

Desenvolver a postura de cooperação;

Exercitar a escuta e respeito em relação à opinião do outro;

Posicionar-se ante o ponto de vista do outro;

Organizar os dados e as informações.

Exercitar a expressão por meio de diferentes linguagens;

Conhecer e usufruir de maneiras diferentes de representar o conhecimento construído (músicas/paródias, maquetes, exposições, fotografias, portfolios, etc.);

Articular informações, análises e sínteses.

Postura investigativa e registro

Este aprendizado do registro é o mais poderoso instrumento na construção da consciência pedagógica e política do educador. Pois, quando registramos, tentamos guardar, prender fragmentos do tempo vivido que nos é significativo, para mantê-lo vivo. Não somente como lembranças, mas como registro de parte de nossa história, nossa memória. Através destes registros construímos nossa memória pessoal e coletiva. Fazemos HISTÓRIA. Ficamos para os outros através de nossos registros. Assim como todo o desenvolvimento da humanidade nos é oferecido e podemos sempre retomá-lo através dos registros históricos – livros, obras de artes etc.; a ação de registrar, em linguagem verbal ou não verbal, nos possibilita rever nossa ação e melhor apreendê-la.[...] A reflexão trabalha o pensamento e, o seu registro, permite que se supere o mundo das lembranças. A reflexão registrada tece a memória, a história do sujeito e de seu grupo. Sem a sistematização deste registro refletido não há apropriação do pensamento do sujeito-autor. (WEFFORT, 1992).

No processo de pesquisa, o registro torna-se atividade fundamental. É por meio dele que são criadas possibilidades de sistematização e socialização das informações pesquisadas e a construção da memória histórica, que depende da preservação de documentos diversos de registro das experiências sociais. Registrando, os alunos têm maior possibilidade de

tomar consciência do processo vivenciado, aprendendo a valorizar esse processo. São várias as formas de registro que podem ser desenvolvidas: textos, ilustrações, histórias em quadrinhos, exposições, jogos, murais, maquetes, livros, documentos ilustrados, colagens, etc. Cada uma dessas formas, que se desdobram em outros inúmeros formatos, deve ser objeto de discussão entre o aluno ou grupo de alunos e o professor. Tal discussão deve gerar sugestões ou mesmo roteiros para a produção ou a criação do formato escolhido. Por exemplo, se a opção for um texto essa pode ser uma história, um relatório, uma carta ou, como comumente chamamos, um "trabalho escrito".

É fundamental que o formato ou a forma de registro final do trabalho seja planejado e combinado coletivamente com os alunos, isto é, é preciso que eles participem da escolha e decisão da melhor maneira para socializar o trabalho para um público que não participou diretamente de sua elaboração.

Para finalizar, é preciso ressaltar a necessidade do constante e permanente registro sobre o processo de pesquisa vivenciado. Esse, ao ser realizado pelo professor, torna-se o principal instrumento para análise e reflexão crítica de seu próprio trabalho.

ROTEIRO PARA A ELABORAÇÃO DE UM TRABALHO ESCRITO

1. Título do trabalho;
2. Nome do autor ou dos participantes do grupo;
3. Sumário;
4. Texto e imagens que compõem o trabalho;
5. Bibliografia e/ou fontes.

O título do trabalho deve expressar o seu conteúdo, mostrando ao leitor o que ele encontrará no corpo do trabalho.

Para fazer o sumário, liste todos os subtítulos criados. Sempre é bom dividir o trabalho em partes; isso facilita a leitura e o entendimento do assunto, tanto para quem escreveu como para quem vai ler. O subtítulo deve dizer de forma clara e simples qual é o assunto que vai ser abordado a seguir.

Uma forma interessante de iniciar seu texto pode ser um pequeno histórico do assunto. Ao finalizá-lo, é importante apresentar as conclusões ou considerações finais, indicando, de forma resumida, o que se aprendeu sobre o tema e estabelecendo relações com outros assuntos já estudados. É necessário que cada imagem utilizada venha acompanhada de uma legenda que indique seu autor, o que ela mostra (lugares, pessoas ou situação), data, etc.

No item Bibliografia ou Fontes deve ser listado todo o material consultado. No caso de livros, existem algumas regras que indicam a ordem e a forma que as informações sobre ele devem aparecer:

1. Sobrenome do autor, em letras maiúsculas, seguido de vírgula;
2. Nome do autor, seguido de ponto.
3. Nome do livro, seguido de ponto.
4. Nome da cidade em que foi editado, seguido de dois pontos.
5. Nome da editora, seguido de vírgula.
6. Ano em que foi editado, seguido de ponto.
7. Caso seja uma coleção, número do volume, seguido de ponto.

Fonte: Baseado em ROCHA, Ruth. *Pesquisar e Aprender*. São Paulo: Scipione, 1996. p. 30 a 34.

Referências

- BAGNO, Marcos. *Pesquisa na escola: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.
- BARROS, José Augusto. *Pesquisa escolar na internet*. Belo Horizonte: Formato, 2001.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BERNARDET, Jean-Claude; RAMOS, Alcides Freire. *Cinema e História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988.
- BRUZZO, Cristina; FALCÃO, Antônio Rebouças (Orgs.). *Coletânea Lições com Cinema*. São Paulo: FDE. Diretoria Técnica, 1993. (vols. 1 e 2).
- CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988.
- CUNHA, Antônio Guoldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- FERRÉS, Joan. *Vídeo e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- FERRO, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade? In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). *História – novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Museu Imperial, 1999.

JOANILHO, André Luiz. *História e Prática: pesquisa em sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

JUNQUEIRA, Sonia. *Pesquisa escolar passo a passo*. Belo Horizonte: Formato, 1999.

LAVILLE, Christian. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Arte Médicas; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

ROCHA, Ruth. *Pesquisar e aprender*. São Paulo: Scipione, 1996.

SILVA, Marcos Antonio da. *História. O prazer em ensino e pesquisa*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

VIEIRA, Maria do Pilar et alli. *A pesquisa em História*. São Paulo: Ática, 1989.

Conheça outros títulos da coleção

Projeto Pedagógico Para a Cidadania

A peculiaridade das crianças e dos adolescentes, no que tange o seu caráter formativo, exige que projetos de promoção de cidadania aos jovens tenham dimensão pedagógica, com a finalidade de formar cidadãos críticos, conscientes politicamente e, acima de tudo, protagonistas. Esse assunto é a tônica do livro de Michelle Nunes Matos e Rudá Ricci. Ao apresentar os temas e os dilemas de nossos jovens, vulneráveis por se constituírem enquanto seres em formação, os autores acenam com a necessidade de a sociedade gerenciar políticas públicas juntamente com os governantes eleitos. Em um contexto de crise dos canais institucionais de socialização dos jovens e de participação política dos adultos, surge a demanda por uma nova escola e por novas formas de participação da sociedade. Para tanto, é necessário voltar-se para o Orçamento Participativo Criança e seu plano de gestão participativa local. Nesse livro os autores apresentam discussões sobre o tema e oferecem ao leitor sugestões sobre como colocar em prática o OP Criança e fazer da escola, da sala de aula e de outros espaços de socialização e educação campos férteis para o protagonismo juvenil.

Dicionário da gestão democrática

Fruto da parceria entre o Instituto Cultiva e a Escola de Governo de São Paulo, esse livro trata da ponte que separa o modelo de desenvolvimento vigente, com o foco no Brasil, do modelo de desenvolvimento desejado. Para isso apresenta aos que se interessam por gestão pública um verdadeiro livro de cabeceira. Partindo do conceito de sustentabilidade, fomentado pela Agenda 21 Global assumida em 1992, os autores tratam de temas como

economia, meio ambiente, administração pública, associativismo, saúde, educação, desigualdade social e políticas raciais, de gênero e infanto-juvenil, entre outros assuntos. De forma a apresentar elementos históricos e tecer um painel da história recente do Brasil, esse livro oferece ao leitor aparatos para um planejamento de gestão pública justo, consciente e responsável, que vise atender às necessidades humanas presentes e futuras.

QUALQUER LIVRO DO NOSSO CATÁLOGO NÃO ENCONTRADO NAS
LIVRARIAS PODE SER PEDIDO POR CARTA, FAX, TELEFONE OU PELA INTERNET.



Rua Aimorés, 981, 8º andar – Funcionários
Belo Horizonte-MG – CEP 30140-071



Tel: (31) 3222 6819
Fax: (31) 3224 6087
Televentas (gratuito): 0800 2831322



vendas@autenticaeditora.com.br
www.autenticaeditora.com.br

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO COM TIPOGRAFIA UNIVERS LIGHT, E IMPRESSO
EM PAPEL OFF SET NA FORMATO ARTES GRÁFICAS.
BELO HORIZONTE, OUTUBRO DE 2007.

professores e educadores, este livro constitui-se como instrumento necessário para se pensar a relação entre pesquisa e ensino.

Pesquisa não é mera atividade complementar, é, sim, ferramenta indispensável quando bem-explorada por professores como conteúdo procedimental. A autora aborda esses e outros pontos neste livro, que apresenta um referencial teórico sobre o tema, mas, acima de tudo, problematiza a pesquisa como ensino.

A AUTORA

Cláudia Sapag Ricci é historiadora, mestre em História pela PUC/SP e doutora em História Social pela FFLCH/USP. Professora do Centro Pedagógico da UFMG. Pesquisadora e vice-coordenadora do LABEPEH da FAE-CP/ UFMG (Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Ensino de História). Autora da coleção didática para 1ª a 4ª séries “História no Dia a Dia” da Editora Formato/Saraiva. Pesquisadora das áreas de ensino de história e formação de professores.